

Família e Futuro: Cinco Tarefas para Futuros Líderes

Ike Skelton Deputado dos Estados Unidos

O Honorável Ike Skelton, da Câmara dos Deputados dos Estados Unidos, Democrata do Missouri, foi convidado para ser o orador da formatura do Curso de Comando de Oficiais do Estado-Maior de 2006. Compromissos oficiais impediram-no de atender a formatura, então ele pediu para compartilhar o seu discurso com uma audiência mais ampla por intermédio deste artigo na Military Review.— Editor

EM MAIO, fui honrado ao ser convidado para discursar para um distinto grupo na comemoração do 125º aniversário da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército no Forte Leavenworth, em Kansas. Naquela ocasião, discurssei sobre o antigo teorista militar chinês Sun Tzu porque pensava sobre como nossas Forças Armadas abordam a contra-insurreição e como treinamos futuros líderes para serem capazes de responder a qualquer desafio que possam enfrentar.¹ Tinha acabado de ler o artigo do General David Petraeus na *Military Review* e os artigos de George Packer sobre os esforços do Coronel H.R. McMaster e do 3º Regimento da Cavalaria Blindada em Tal Afar.² Fiquei muito impressionado com suas abordagens sobre o Iraque em relação à inteligência e à liderança. Quando a Escola convidou-me novamente, desta vez para fazer o discurso de formatura, me senti como se tivesse acabado de receber uma boa lição de história e, ironicamente, prometi que da próxima vez que fosse ao Forte Leavenworth discursaria sobre Carl von Clausewitz.³

Quando retornei ao Capitólio comecei a pensar seriamente sobre o que mais aqueles oficiais superiores poderiam aprender do maior pensador militar, possivelmente, de todos os tempos. Muitos deles, recentemente, tiveram experiência de combate no Afeganistão ou no Iraque e todos tinham acabado de passar a maior parte do ano estudando como aplicar seus estudos e suas experiências aos desafios e às oportunidades da segurança nacional de hoje e do futuro. Eu sabia que eles não esperavam receber outra aula de história no dia de sua formatura. Em vez disso, eles estariam pensando: “Eu pensei que as aulas tinham acabado.” Eu também sabia que para essas pessoas muito ativas, um ano na sala de aula devia dar a sensação de estar em uma prisão. Eu sabia que eles queriam apenas prosseguir com suas vidas.

O Honorável Ike Skelton, da Câmara dos Deputados dos Estados Unidos, Democrata, do Estado de Missouri representa o Quarto Distrito do Congresso desde 1977. Ele ocupa um posto superior como membro da minoria no Comitê das Forças Armadas e membro minoria do Subcomitê das Forças Terrestres e Aéreas Táticas (Tactical Air and Land Forces). Ele escreveu quatro artigos para a Military Review: “The Constitutional Role of Congress: Lessons in Unpreparedness” (julho-agosto 1997), “JPME: Are We There Yet?” (maio de 1992 e janeiro-fevereiro de 1997), “Inspiring Soldiers to Do Better than Their Best” (janeiro-fevereiro de 1996), e “Joint and Combined Operations in the Post-Cold War Era” (setembro de 1993).

Enquanto queria cumprimentá-los por terem completado um rigoroso curso de estado-maior, também me sentia obrigado a dar-lhes algo significativo para que pudessem levar consigo quando enfrentassem tarefas, questões e situações ainda mais desafiantes imediatamente após a diplomação. Embora tudo que podia oferecer-lhes fossem palavras, elas podiam incorporar idéias que também poderiam ser-lhes úteis. Como acredito profundamente na educação vitalícia, pensei que encorajaria esses jovens, que voluntariamente assumiram o compromisso de servir à Constituição e ao povo dessa Nação, a continuarem a estudar, a pensar e a aprender sobre questões profissionais sérias quando assumissem tarefas de maior responsabilidade ou autoridade. Então decidi que falaria com eles sobre as suas famílias e o seu futuro. Eu sabia que isso os surpreenderia, mas decidi dar-lhes cinco tarefas de pós-graduação para guiar-lhes o caminho.

Infelizmente, por ter posto superior no Comitê das Forças Armadas da Câmara dos Deputados, um debate no Congresso sobre o Iraque impediu-me de comparecer à formatura. Então, optei em compartilhar essas idéias com uma audiência mais ampla.

Conheço o velho ditado, “Se as Forças Armadas quisessem que você tivesse uma família, elas teriam lhe emitido uma.” Mas os líderes militares de hoje reconhecem que nós recrutamos soldados, mas mantemos e apoiamos suas famílias. Os líderes nunca devem se esquecer que os integrantes do seu quadro de pessoal possuem famílias fora das Forças Armadas. Atualmente, por intermédio de telefones celulares, correio eletrônico, fotografias e vídeos os soldados podem ter um contato quase constante com os seus amigos e a sua família, não importa onde estejam operando no mundo. Mas como tudo na vida, isso pode vir a se tornar uma coisa positiva ou problemática. Esse freqüente contato pode ser um grande conforto ou uma fonte de preocupação. E o mais importante, o desempenho dos soldados pode variar em relação ao conhecimento de que as forças armadas estão zelando por suas famílias quando ausentes em missão. Enquanto que nossa Nação sempre diz obrigado aos nossos homens e mulheres em uniforme, incentivo todos os líderes militares,

assim como também todos nossos cidadãos, a reconhecer e a agradecer os sacrifícios que as famílias militares tem feito pelo País.

Mas, e as famílias dos oficial-superiores? Os oficiais podem sentir como seus colegas de arma fizessem também parte da sua família, mas nós sabemos que eles não teriam sido capazes de conseguir o que eles conseguiram na profissão sem o apoio dela e de amigos. Então, devemos agradecer aos maridos, esposas e às pessoas importantes em suas vidas; aos seus avós, pais, mães e filhos; e aos seus amigos mais próximos. Todos esses membros da família ajudaram a Nação apoiando esses oficiais nos seus esforços na escola, nas atividades de estado-maior e no campo. E todos os nossos militares profissionais devem sempre lembrar que eles pertencem a uma família, a uma comunidade e a uma nação, além das Forças Armadas.

Eu sei que esses oficiais devem ter pensado, “Eu já li Clausewitz e ele nunca mencionou a família.” Portanto, eu gostaria de lembrar-lhes de que foi somente por intermédio de sua esposa, Marie, que a sua obra-prima *On War* sobreviveu.⁴ Depois de sua morte prematura, ela pegou os fragmentos daquela obra-prima e a terminou, de maneira que gerações de estudantes militares pelo mundo afora pudessem não apenas ser capazes de estudar suas observações sobre as batalhas napoleônicas e a Revolução, mas também pensassem sobre a essência da guerra e da estratégia, além de seu próprio lugar e tempo determinados. Se não fosse pela sua esposa; se não fosse pelo seu relacionamento próximo e especial; se não fosse pela sua compartilhada compreensão sobre a importância de suas teorias militares; se não fosse pelo encorajamento de seus amigos; o discernimento mais significativo de Clausewitz poderia ter sido perdido para sempre.

Além disso, Clausewitz reconheceu que os militares dependiam das sociedades das quais eles vieram para receberem apoio moral e o sustento físico. Ele escreveu que os militares são limitados aos valores e estruturas de suas sociedades. Mas quando os militares se distanciam do povo ou perdem o apoio da Nação estão destinados a serem derrotados. Portanto, os líderes não devem se esquecer de que eles e os seus soldados também fazem parte dessa Nação — que é uma extensão de sua família.

Além dessas considerações sobre a família, enquanto o tempo passa, aprecio cada vez mais a eternidade dos pensamentos de Clausewitz sobre a arte da guerra e da estratégia. Essas idéias destiladas da história, a sua extensa e ampla experiência de guerra e o seu poderoso intelecto continuarão a ser relevantes no futuro. E enquanto os oficiais se formam em instituições de educação militar profissional, queria lhes dizer nos termos mais severos que, nossa Nação *não possui suficientes estrategistas*. Então, como tarefa de pós-graduação, eu lhes desafiaria a se tornarem estrategistas mestres. E, acho que uma revisão das idéias de Clausewitz lhes ajudará nessa tarefa.

Muito embora bastantes pessoas citem Clausewitz, poucas na realidade leram o seu trabalho. Dessas, um grupo ainda menor entendeu o que ele estava tentando fazer. Esse mesmo grupo interpretava incorretamente o seu pensamento. Peter Paret, o editor da melhor versão em inglês de *On War* é o melhor intérprete de Clausewitz.⁵ Paret entende porque sabe que para se compreender as idéias de Clausewitz, você precisa entender o seu contexto histórico. Paret estudou ambas, a história das idéias e a história da guerra.

Durante as guerras napoleônicas, houve outros peritos militares que tentaram delinear melhores táticas e estratégias para dominar a ciência militar. Esses pensadores, no período do Iluminismo, buscavam dominar a guerra por meio do pensamento racional. Clausewitz era singular. Queria entender a própria guerra. Também como um filho do Iluminismo, buscava entender a guerra como um fenômeno humano. Queria delinear uma teoria sobre a estrutura da guerra, sua dinâmica interna e suas ligações com outros elementos da existência social do homem. Ele e o seu mentor, Gerhard von Scharnhorst, analisaram a interdependência das mudanças militares, sociais e políticas produzidas pela Revolução Francesa.

Clausewitz, único em sua época, tinha ampla experiência em frações táticas, combates decisivos, serviço de estado-maior e planejamento estratégico. Ele tornou-se um reformador que ajudou a modernizar o Exército Prussiano e essas mudanças tiveram imensas implicações sociais. Essa transformação, assim como agora, foi empreendida num ambiente de conflito assimétrico e revolucionário, enquanto se preparava para outros possíveis adversários.

Em meio a tudo isso, Clausewitz decidiu que para delinear uma verdadeira teoria de guerra eram necessários a experiência com as tecnologias, com as técnicas da guerra e o estudo da história. Mas experiência e estudo não eram suficientes para alcançar a verdadeira compreensão ou sabedoria. Havia necessidade de se explorar muitos aspectos do mundo fora da área militar. O seu objetivo não era apenas refinar estratégias que sempre existiram ou dominar as táticas. Ele realmente queria entender história para identificar os elementos essenciais da guerra e entender como funcionavam em conjunto.⁶ Ele queria alcançar a sabedoria muito além do conhecimento.

Como Clausewitz achava que estratégia era mais uma arte do que uma ciência, ele comparou o estudo da guerra com o estudo da pintura. Podia-se estudar a história da pintura e ter todas

Conheço o velho ditado, “Se as forças armadas quisessem que você tivesse uma família, elas teriam lhe emitido uma.”

as ferramentas apropriadas, mas isso ainda não capacitaria ninguém a ser um mestre em arte. A “grande arte” não podia ser procurada mecanicamente ou produzida em massa. Os resultados eram imprevisíveis, incertos. O estudo não era importante para memorizar técnicas ou imitar outros. Estudo e experiência simplesmente formavam um alicerce para as nossas próprias teorias, nossa própria arte, apropriadas ao nosso próprio contexto.

Então Clausewitz, em vez de procurar soluções para os desafios militares e de segurança de sua geração, esperava que o seu trabalho estimulasse as idéias e os debates de outros no futuro. De acordo com isso, cada geração projetaria suas idéias. Clausewitz era um idealista na tradição do século XIX, tradição essa nomeada por Friedrich Hegel, a qual postulava que idéias movem a história. Clausewitz escreveu sobre a guerra como uma “idéia” e usou a dialética de Hegel para examinar a sua natureza. Ele justapôs a guerra total e a guerra limitada como tese e antítese. Ele não preferia ou pleiteava uma ou outra, ele simplesmente reconhecia que ao

ponderá-las, podia-se alcançar a síntese a qual iria, com certeza, tornar-se a nova tese contra a qual argüir. Então, a primeira tarefa de pós-graduação, depois de um pequeno intervalo dos estudos, é reler Clausewitz, sem ignorar o seu contexto histórico.⁷

Havia outros que reconheciam que as revoluções políticas e sociais do fim do século XVIII tinham modificado a guerra.⁸ Mas eles não entendiam as mudanças. Enquanto eles tentavam, de acordo com as tradições da época, reduzir a guerra à matemática aplicada, os seus sistemas eram desviados da realidade e da história. Suas definições de tática e estratégia eram limitadas pelo tempo e pela tecnologia, usando “ao alcance do canhão” e “fora do alcance do canhão” para indicar a diferença. Na busca da ciência da

Nossa Nação está aprendendo novamente que as ações militares não podem ser abstraídas de seus contextos ou de suas conseqüências políticas, diplomáticas, econômicas, sociais ou culturais.

guerra, eles não consideraram as coisas que não podiam medir — as partes humanas, como o moral dos soldados, a intenção do comandante e uma avaliação do inimigo humano.

Clausewitz sabia através do seu estudo da história e da sua experiência de combate que esses aspectos eram essenciais para qualquer teoria. Ele sabia que as reformas militares iriam ter um impacto em outros aspectos da existência humana, da sociedade e da economia; ele se esforçou para que o corpo de oficiais fosse baseado no mérito e não na nobreza; e ele se opôs à disciplina arbitrária e às práticas de insensibilidade mental usadas nos recrutas. Ele também criticou a sua sociedade por considerar a guerra como uma questão que dizia respeito apenas aos militares. Nos campos político e diplomático, ele acreditava que o Governo prussiano se permitia se isolar dos seus potenciais aliados e, conseqüentemente, dava aos soldados tarefas impossíveis.

Em parte, devido às suas críticas as autoridades existentes, Clausewitz não foi promovido. Na verdade, ele e outros se demitiram de seus postos quando o rei cedeu território aos franceses para concentrar a sua invasão da Rússia. Essas resignações enviaram o recado revolucionário de que a consciência de um oficial tinha prioridade sobre o seu juramento ao rei. Clausewitz também elaborou um plano para incitar milícias provinciais contra os franceses — outro ato de importância revolucionária militar e política na Prússia.

Mais tarde, quando Clausewitz recuperou o seu posto, ele foi capaz de contribuir significativamente para a nova escola de guerra prussiana, onde ministrou aulas sobre estratégia e insurreição. Ele também atribuiu considerável peso às necessidades imediatas, aos problemas intelectuais, técnicos, organizacionais e políticos para se reconstruir um exército derrotado. Ao mesmo tempo, Clausewitz ainda estava comprometido a desenvolver uma teoria de guerra. Uma teoria ajudaria seus alunos a desenvolverem suas próprias idéias, recorrendo às suas experiências, a um estudo dos assuntos profissionais e a um intenso estudo da história. Os seus aprendizados não gerariam uma doutrina, regras ou leis de ação. Clausewitz escreveu, “Embora a história possa não produzir fórmulas, fornece um exercício em raciocínio.” Os seus alunos não deviam memorizar táticas e estratégias. Em vez disso, Clausewitz buscava refinar o raciocínio dos seus alunos para futura liderança.

Além disso, tudo, Clausewitz continuou com os seus próprios estudos. Frequentou aulas sobre ciências, lógica e ética. Leu livros sobre matemática, filosofia e estética. Constantemente lia mais história para testar suas idéias quando elas surgissem. Ele sabia que sua teoria tinha que ser abrangente, lógica, representar a realidade e ser historicamente sustentável. Tinha que prestar contas de coisas que não podiam ser medidas. E tinha que ser flexível o suficiente para poder ser ainda aperfeiçoada. Ele imaginou que haveria pessoas, exatamente como os nossos oficiais-superiores, que continuariam a refinar as suas idéias por meio de suas experiências e de suas próprias idéias para criar nova síntese.

Na busca dessa teoria, Clausewitz decidiu que havia certas constantes. Essas seriam princípios organizacionais para se pensar sobre guerra e a estratégia. Essas constantes eram a natureza política e social da guerra e sua dualidade — suas duas formas, “total” e “limitada.” Claro que a última consistia das duas extremidades de uma esfera de ação que na realidade nunca seriam alcançadas. “Guerra total e absoluta” seria suicídio mútuo e, conseqüentemente, um fim da política e não a sua continuação. E o máximo em uma “guerra limitada” seria uma guerra não travada.

A longa versão da citação mais famosa de Clausewitz é, “Guerra não é um mero ato de política, mas um instrumento político verdadeiro, uma continuação da atividade política por outros meios.” Nossa Nação está aprendendo novamente que as ações militares não podem ser abstraídas de seus contextos ou de suas conseqüências políticas, diplomáticas, econômicas, sociais ou culturais. Isso é verdade na Guerra Global Contra o Terrorismo e na contra-insurreição no Iraque. É verdade sobre os nossos esforços diplomáticos para influenciar a liderança do Irã e em convencer os nossos aliados a apoiar a não proliferação. E é verdade, também, o debate sobre a decisão de empregar a Guarda Nacional na nossa fronteira Sul para deter a imigração ilegal.

Nós aprendemos — parece que repetidamente — que antes de tomar uma atitude, devemos saber em que estamos nos envolvendo. Quando falamos sobre o uso ou a ameaça da força ou quando usamos as forças militares para propósitos não violentos, não devíamos imaginar uma linha brilhante onde a atividade política ou diplomática pára. Não podemos pensar que quando a diplomacia ou a política falham a guerra ou as operações militares começam e, após as vitórias militares, as atividades políticas e econômicas simplesmente recomeçam. Devemos usar todos os instrumentos do poder nacional em ações constantes, simultâneas e paralelas em tempo de paz e na guerra para apoiar nossos objetivos de segurança nacional. Temos que reconhecer essa ausência de limites temporários como uma constante e mover, além das junções militares para operações e planejamento, interagências verdadeiramente integradas. Então a segunda tarefa pós-graduação é: Encontrar e

Cinco Tarefas de Pós-graduação

1. Releia Clausewitz, mantendo o seu contexto histórico em mente.
2. Encontre e institua maneiras melhores de trabalhar com os seus contrapartes em agências civis, incluindo parceiros não tradicionais, em vez de apenas propor maneiras pelas quais eles podem trabalhar melhor com você.
3. Pense em como melhor ligar os meios que empregamos aos objetivos que buscamos, quer você esteja no estado-maior ou em combate.
4. Não importa o quanto você queira estar no campo, você tem que continuar a sua educação.
5. Os nossos líderes, os nossos oficiais, devem honrar as suas famílias e a sua Nação falando a verdade aos poderes vigentes. Todos devemos contar e viver a verdade o melhor que pudermos.

instituir melhores maneiras de trabalhar com seus contrapartes em agências civis, incluindo parceiros não tradicionais, em vez de apenas propor maneiras pelas quais elas podem trabalhar melhor com você.

Mas e a natureza essencial da guerra? Clausewitz escreveu que a guerra é um choque violento, uma colisão de duas forças vivas. Mas, o paradoxo é que a violência da guerra deve ser disciplinada e limitada para que expresse um propósito político de uma maneira racional e utilitária. A violência da guerra não deve destruir o propósito político. Conseqüentemente, os líderes políticos devem controlar a conduta da guerra, mas não privar os soldados do planejamento e da gestão das operações. E nem devem os líderes políticos pedir o impossível dos militares. Ao mesmo tempo, os

líderes militares devem lembrar que as Forças Armadas não existem por sua própria causa. Como Clausewitz observou, “Não pode haver nenhuma questão sobre uma avaliação puramente militar de um grande assunto estratégico, nem de um esquema puramente militar para resolvê-lo.”

Então, para que serve uma teoria? Não serve para nada se não prestar contas da realidade da guerra. Logo, Clausewitz acrescentou conceitos que ele achou que eram partes essenciais da guerra verdadeira. Na história e em sua experiência, os elementos eternos da guerra eram o atrito e a oportunidade.

O atrito é a soma total de todas as dificuldades que nos impedem de atingir os objetivos na guerra. São todos os erros, acidentes e as dificuldades técnicas e humanas que afetam as decisões e ações militares. O atrito não pode

***Se os nossos oficiais
mantiverem a sua integridade,
os seus soldados lutarão
por eles assim como
lutam uns pelos outros.***

ser tirado dos planos ou das táticas por meio de fórmulas matemáticas. Não pode ser erradicado com transformação por intermédio de tecnologia ou ciência mais avançada. O atrito está na própria natureza da guerra e em todas as tentativas humanas. Na guerra verdadeira, Clausewitz observou, também há sempre a incerteza. Ele disse, “Guerra é a província da oportunidade. Em nenhuma outra esfera da atividade humana deve uma margem ser deixada para esse intruso. Ele aumenta a incerteza de todas as circunstâncias e desarranja o curso dos eventos.”

Como o atrito e a oportunidade não podiam ser retirados ou superados pela tecnologia ou por táticas melhores eles dominariam a guerra se não fosse pela energia emocional e intelectual criativa. Alguém precisava se esforçar então para entender e explorar os elementos não quantificáveis da guerra para melhor aproveitamento. Clausewitz chamava essa habilidade de “gênio.” Porém, para ele, gênio não estava somente no indivíduo excepcional, mas também podia ser encontrado nas habilidades e nos sentimentos nos quais o

comportamento das pessoas comuns, incluindo os soldados de menor graduação, era baseado. Clausewitz viveu na era de Napoleão, então isso é significativo. Ele disse, “Nós não podemos restringir a nossa discussão propriamente a gênio, como um grau superlativo de talento... O que nós precisamos fazer é observar todas essas dádivas da mente e do temperamento que em combinação pesam na atividade militar. Essas, quando postas juntas, constituem a essência do gênio militar.” É a força intelectual e psicológica do comandante e dos seus subordinados; o moral, o espírito e a autoconfiança do exército; assim como também os traços e os valores de sociedades inteiras refletidas nos seus soldados, tudo considerado em conjunto. Clausewitz acreditava que a originalidade, a iniciativa e a criatividade extraordinária podiam estar presentes em todos os seres humanos, e em cada um de nós.

Então, onde devemos colocar o gênio? Finalmente, chegamos à estratégia. Muitos realmente não sabem o que é — mas eu tenho certeza de que não é um plano em slides de Power Point®. Estratégia é o relacionamento entre o propósito, o objetivo e os meios da guerra. O propósito político define os meios, o grau de esforço ou de força e a extensão dos recursos a serem gastos. Esses deveriam determinar o objetivo militar. Como a guerra é uma luta entre duas forças, a estratégia também deve prestar contas do propósito militar e político do adversário. Nós não podemos avaliar esses objetivos simplesmente imaginando um espelho dos nossos próprios objetivos.

Os objetivos, os meios e a nossa avaliação do inimigo devem sempre estar conectados. Essa é a essência da estratégia. Clausewitz escreveu, “O primeiro, o supremo, o ato de julgamento com mais amplas conseqüências que um estadista e comandante tem que tomar é estabelecer... o tipo de guerra no qual eles estão embarcando.” E acrescentou, “Ninguém começa uma guerra — ou melhor, ninguém com bom senso deve fazê-lo — sem primeiro ter claro em sua mente o que pretende conseguir com aquela guerra e como pretende conduzi-la.” Infelizmente, no Iraque e no Afeganistão, tivemos que aprender novamente que a forma como conduzimos as operações militares e como nossas forças se comportam têm efeitos que vão muito além do



Roger Viollet

Carl von Clausewitz (1780-1831) General, filósofo e historiador militar prusiano.

campo de batalha, das estradas, dos postos de controle ou das facilidades de detenção. Eles têm importância estratégica. Os nossos líderes em todos os níveis são responsáveis por ambas as operações, além da disciplina e da conduta do seu pessoal; eles devem ser considerados responsáveis por ambos.⁹

Essa é a razão porque as regras de engajamento ou regras para o uso da força não deviam ser consideradas um incômodo. Elas não são separadas da guerra e devem ser parte da estratégia. Devem ser construídas de uma maneira que mostre que entendemos a essência da guerra e o propósito de usarmos as forças militares. Elas deviam nos ajudar a evitar perder a guerra apesar de termos vencido todas as batalhas. Elas nos protegem de perder os

corações das pessoas a quem buscamos liberar, aqueles a quem damos apoio para construir a democracia. Elas existem para assegurar que nós não nos perdemos ou traímos os ideais do povo e da Nação que representamos. Então a terceira tarefa de pós-graduação é: Pense em como melhor relacionar os meios que usamos aos objetivos que buscamos, quer você esteja no estado-maior ou em combate. Nunca priorize apenas uma conexão; esteja consciente em estabelecer uma relação entre os dois aspectos.

Enquanto preparava esses pensamentos sobre Clausewitz, refleti sobre a razão do porquê as pessoas preferem pegar as idéias sobre guerra de Sun Tzu, Machiavelli e Jomini. Os seus trabalhos são relativamente curtos e fáceis,

incorporam o bom senso, lhes dão a lista ou a fórmula de como conduzir a guerra, você pode até colocá-la na sua mochila. Mas a nossa profissão militar não é fácil e por isso eu tenho uma quarta tarefa de pós-graduação para os nossos oficiais-superiores: Não importa o quanto você queira estar no campo, você tem que continuar sua educação.

Clausewitz é um modelo a ser seguido. Nossos oficiais não devem temer ao fazerem perguntas difíceis; eles devem manter as suas mentes abertas quando eles ponderam sobre essas perguntas. Eles devem estudar história, não para encontrar o Santo Graal da estratégia, mas para entender o que é estratégia e quem nós somos como Nação. Eles devem esforçar-se para obter mais sabedoria do que o conhecimento de si próprio. E devem pegar uma classe para lecionar se eles puderem. E, talvez o mais importante, eles devem estimular seus subordinados a continuarem seus estudos.

Finalmente, há uma última tarefa. Os nossos líderes, os nossos oficiais, devem honrar as suas famílias e a sua Nação falando a verdade aos poderes vigentes. Todos devemos contar e viver a verdade o melhor que pudermos. Os membros do Congresso e outros em posições de liderança dependem do nosso corpo de oficiais para isso. E eu prometeria a todos que se fossem punidos por contar a verdade que aqueles que os punissem não seriam merecedores de sua lealdade.

Se os nossos oficiais mantiverem a sua integridade, os seus soldados lutarão por eles assim como lutam uns pelos outros. Enquanto demonstram confiança nos seus líderes, deviam sempre ser lembrados de que também estão lutando por um propósito mais amplo. O resultado será que eles terão um melhor discernimento e tomarão a decisão certa de voltar para casa, para as suas famílias com honra e não com vergonha.

Nós sabemos que os nossos oficiais lutam pelos homens e mulheres sob o seu comando, lutam pelas suas próprias famílias, pelos seus ideais e por esta Nação. Nós os entregamos aos seus cuidados. Eles recebem grande responsabilidade e significativa autoridade. Eles devem ser considerados responsáveis e

devem se lembrar que objetivos honrosos não podem nunca justificar meios desonrosos, porque esses dois não são separados. Objetivos e meios são partes inseparáveis de um todo, tanto em ética como em estratégia. Os nossos oficiais devem ser capazes de se olhar no espelho todos os dias e dizer, “Eu fui honesto comigo mesmo, com os meus líderes, com os meus soldados e com a minha família; eu agi com integridade hoje.” E, se às vezes, como todos nós, eles cometerem um erro, devem admiti-lo e fazer o melhor possível para corrigi-lo. Eu tenho toda a confiança que os nossos oficiais-superiores podem fazer isso, que podem completar as cinco tarefas que eu acabo de lhes passar.

Cumprimento todos os nossos formandos do Curso de Comando e Estado-Maior nas suas realizações. Todos nós devemos celebrar com eles nessa hora em que reassemem o compromisso com a sua profissão e a segurança da nossa Nação. Desejo a todos os concludentes e suas famílias boa sorte nos desafios do futuro.**MR**

Referências

1. Observações do membro do Congresso Ike Skelton, 1º de maio de 2006, “The Next 125 Years – Celebrating the Past and Present While We Journey Back to the Future with Sun Tzu” na ocasião da celebração do 125º Aniversário da Escola de Comando e Estado-Maior Geral do Exército no Forte Leavenworth, em Kansas.
2. PETRAEUS, General David H.; Exército dos Estados Unidos, “Learning Counterinsurgency: Observations from Soldiering in Iraq,” *Military Review* (janeiro e fevereiro de 2006), pp. 2-12; PACKER, George, “Letter from Iraq: The Lesson of Tal Afar,” disponível em: <www.newyorker.com/printables/fact/060410fa_fact2>.
3. Baseado na leitura de “Clausewitz” por Peter Paret em “Makers of Modern Strategy from Machiavelli to the Nuclear Age”, editor Peter Paret, (Princeton, 1986), pp. 186-213.
4. CLAUSEWITZ, Carl von “On War”; tradução e edição Michael Howard e Peter Paret, edição revisada (Princeton, 1984).
5. *Ibid.*
6. HOWARD e PARET observam que é revelador que Clausewitz escolheu “The Spirit of the Laws” de Montesquieu como modelo.
7. HOWARD e PARET escrevem sobre isso em uma discussão extensa na sua edição de “On War”, de 1984. Além disso, na Escola Nacional de Guerra no Fort Leslie J. McNair, Washington DC, professores de estratégia aconselham alunos a lerem os capítulos de “On War” na ordem que Clausewitz os escreveu em vez de na ordem em que ele os refinou, para entender melhor a evolução de seu pensamento dialético como dialética.
8. Entre as revoluções de século XVIII estão a Revolução Americana de 1776 e a Revolução Francesa de 1789. Esses pensadores incluem o oficial francês JOMINI, Antoine-Henri e BÜLOW, Dietrich von.; SHY, John; “reabilita” Jomini no seu ensaio “Makers of Modern Strategy”, pp. 143-185.
9. Sobre responsabilidade de comando, veja o *Tokoyo Tribunals* (1946-1948) e a decisão do Tribunal Superior sobre Yamashita, 327 U.S. pp. 1, 11 (1946).